



Por: Paulo Lacerda  
paulosd@centroin.com.br

## O HOMEM QUE NÃO GOSTAVA DE FUTEBOL

Não queria saber o que era um soccer, um football ou qualquer nome parecido. É tudo igual. Nada tão parecido como chutar uma bola redonda para entrar na rede armada nas extremidades de um extenso gramado. Com um bocado de gente correndo atrás, de um lado para outro. Um deles apitando que nem guarda de trânsito pedindo ordem e calma. Uma disputa aparentemente sem sentido a não ser evitar ponta pés, caneladas, empurrões e a turma tentando dar um chute que faça a redonda entrar na rede. No meio do vozerio exultante e suarentos espectadores. Pode ser no cimento do recreio do colégio, no quintal de casa, no asfalto de ruas esburacadas, na terra lamacenta e no ensaiado de um campo qualquer. Pode ser até em um majestoso estádio faiscante. Bola por bola vale hoje em dia visualizar a tecnologia de um vídeo do Hubble. O telescópio fantástico rodeando a terra e trazendo imagens que os astrônomos decifram, mas poucos as conhecem. Um campo que chamam de universo infinito, cheio de milhões de bolinhas grandes, pequenas e incomensuráveis. Um campo de estrelas de superfície aparentemente irregular e vivem mudando de lugar. Buscam serem douradas e às vezes ficam apenas a prateada e cor do bronze, mas parece que tudo é a bola. Lembranças e saudades de do que existia antes do criador. Estamos dentro da miúda bolinha amarela, quente, quase despercebida em uma galáxia, descoberta perto de um buraco negro para aonde parece tudo entrar. O gol de universo. Ora bolas, fico confuso

ao falar de tantas bolas, milhões perdidas. Sem ninguém chutando. Pediram-me para escrever sobre o futebol da Terra. Misturei bola e universo. Futebol e o universal! Atrapalhei-me sobre as coisas terrenas. Mais fáceis descrever as do observatório, pois vem preparada para os incautos. Prontas na TV. Uma vez em Barcelona, cidade das touradas e dos desafios estive quase dentro das galáxias do estádio, mas perguntei o que iria fazer por lá ou o que dizer. Não tinha mais o amigo Armando Nogueira para discursar, pois se foi quase sem se despedir. Estava resmungando alto quando meu filho com 7 anos pergunta: você está sonhando? Todos adoram e sabem o que é jogar, a bola redonda, mas que pode ser oval. Leva milhões para as ruas na alegria necessária a vida e a felicidade. Pai é futebol! Mesmo sem tecnologias das bolas do infinito céu, Não entende? De repente levanto a córtex cerebral e grito: tem razão, querido é o jogo do TIM sem ser o telefone, do Garrincha das pernas tortas, do Leônidas, Zizinho, Ademir e destes tantos que sumiram e levaram o futebol com eles. Tem uns imortais como Pele. Se foram, mas deixaram seus times de clubes. Os do Fluminense, America, Vasco, Olaria, Flamengo, Canto do Rio e outros, só no Rio. Estes times que agora vão trocando sempre que podem de nome e jogadores.

- Papai eu sei bem de tudo, tenho álbum de figurinhas com 450 jogadores. Gente de todas as cores, todos os lugares e que pertencem também a muitos times. Vão mudando de time, mas continuam no futebol. Estão ai em qualquer gramado do país e do mundo. Mesmo mudando de camisa vão bater no peito por sua pátria. São mesmo jogadores de futebol. Enquanto estiverem com a nossa amarela são muito brasileiros. Depois vão lutar como brasileiro no que querem e levam o nome da pátria. Em que jogaram e nasceram. São universais

difundindo conhecimentos globais. Pai eu nem sabia que existiam tantos países, tantas línguas, tanta gente bonita. Agora, me pergunte quantos países tem a África, a Europa e digo na ponta da língua. Sou capaz até de dizer na língua dele mesmo. Nomes mais difíceis do que aqueles planetas, satélites e outros do universo que nos envolve e nos absorve. Sei que o esporte traz cultura contagiante e vão deixando civilização, estádios, construções de mundo novo que enriquece o país que passa. E um grande fator de desenvolvimento. Traz escapes e ânsia por futuro melhor. Não é manipulado, pois mesmo tentado, existem milhões de versões para o momento certo ou errado. Ele é tão universal para a terra como o seu Hubler é para o céu. As jogadas, dribles, gingas são sem fim e sempre aparecem mil novas. E pronto acabou: seja 3 a 1 no vencedor de Copa. Até à próxima. PASSOU. O Colégio diz tudo. Oi papai porque você implica tanto com o futebol?

- Filho, vale a pena uma história dentro de uma história. ; Um dia seu avô me pegou pelo braço com cuidado. Vestido de terno e de boné de aba. A cor, um verde – branco, com blusa amarela. Penteei meu cabelo com Gumex e fomos de bonde para Botafogo. Ele ia cantando baixinho, pois era recatado. Mas sorria e disse: filho, hoje vai ser um de seus mais felizes dias da vida. Nunca mais vai esquecer. Vai ver como é ser feliz e dançar a solta. Paramos na S. Francisco Xavier e entramos na fila organizada para comprar os bilhetes. Nunca tinha estado ali e fiquei medroso por ver tanta gente a cantar, gritar baixinho e assobiar o hino nacional. Fui na onda: Entrei no ritmo, subindo escadas de um monumental estádio lotado, com nome de índio-Maracanã. Nada de TV. Sentamos confortavelmente e, para abreviar, passamos a ver, depois de prosopopéias, homens de roupas coloridas, correndo daqui para ali atrás da tal de bola. Passamos a gritar Brasil, Brasil, fato inusitado para o garoto zona sul que só via futebol nos terrenos baldios, no limitado de colé-

gios e comum aos da zona norte, pois a rua vazia de carros servia para se chutar uma bola. Futebol já infiltrado na garotada e nos pais de medula esportiva. Enfim, estava a ponto máximo de algo emergente. No Coliseu do esporte o futebol do Brasil estava prestes a ser apresentado ao mundo. O futebol – arte O tempo a passar e continuei a gritar para gastar a garganta! De repente me pareceu que estava sozinho. Todo mundo foi ficando calado. O pai olhando o relógio. Nada sabia do que estava acontecendo. Eu só olhava a bola redonda correr no meio das canelas. O tempo disparava e acontecimentos não percebidos estavam a rodar. Continuei a fazer meus barulhos. De repente o silêncio mortal que parecia não acabar. O grunhir de sapatos de couro arrastados saindo pelos buracos da arquibancada. Um crescente chorar a meu lado e, só via tristeza por toda parte. O que acontecia, não sabia. Tristeza, choro como se o mundo acabasse. Fim do mundo por ETS que não existiam. Só tristeza por todo lado. Insisti ao pai para que dissesse o que estava acontecendo. Ele sério, como era olhos cheios de lágrima, pegou-me pelos ombros, me deu um abraço apertado, encostou o ombro seu na minha cabeça e disse  
FILHO PERDEMOS A COPA DO MUNDO. COPA DE 1950  
Na frente de 200 mil espectadores – o dito maracanaço.  
Daí nunca mais fui a um campo ver partida de futebol.  
Nem ao saber que somos indomáveis. Hoje em dia pergunto o nome de jogadores aos filhos e peço para me darem aquele abraço gostoso nas vitórias. Fico com braços doendo por receber abraços iguais aos que meu pai dava;... Mas com sorriso nos lábios.

Continuo olhando o universo, pois nada tão parecido com ele como o jogo de futebol: Lindo, brilhante, sem fim, tão majestoso que não consigo entendê-los. Só bolas.